

MATERNIDADE ADIADA: O luto não-reconhecido das mulheres tentantes

Wenny Sousa do Nascimento ¹

Centro Universitário Dom Bosco – UNDB, São Luís, Maranhão

Alice Parentes da Silva Santos ²

Centro Universitário Dom Bosco – UNDB, São Luís, Maranhão

¹ Graduanda do 6º Período do Curso de Psicologia do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco - UNDB. E-mail: wennyasnascimento@gmail.com.

² Professora e Mestre. Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco - UNDB. E-mail: aliceparentes@hotmail.com.

RESUMO

Para mulheres tentantes, a jornada de tentativas de gravidez pode ser marcada por um período que envolve diversos sentimentos de ansiedade, expectativas, culpa, preocupações, dores, tristeza, entre outros. A experiência do adiamento de uma gestação desejada, acompanhada por perdas simbólicas pode implicar no processo de luto. O luto associado ao adiamento de uma gestação desejada é um aspecto frequentemente negligenciado, mas extremamente importante. Logo, reconhecer e validar essas emoções é essencial para o processo de reorganização dessa mulher. Esse artigo tem como objetivo geral analisar as possibilidades de atuação psicológica junto a mulheres tentantes. Como objetivos específicos ressalta-se: Abordar aspectos socio-histórico-culturais do luto; Analisar os impactos emocionais do adiamento da maternidade; E refletir sobre o luto vivenciado por mulheres tentantes. Espera-se com esses objetivos alcançar os seguintes resultados: Gerar uma concepção mais empática na sociedade acerca do sofrimento dessas mulheres; Compreender a forma que esse sofrimento reflete na vida dessas mulheres; E preparar com mais aprofundamento os profissionais de psicologia para intervir diante desse sofrimento. Esta é uma pesquisa básica, com objetivo exploratório, e se trata de uma revisão de literatura. São abordados conteúdos como o luto não-legitimado e os impactos emocionais acarretados pelo adiamento da gravidez, assim como as possíveis intervenções da psicologia frente a essa demanda. Mediante a isso, o presente artigo é essencial para que os profissionais de psicologia atuem de forma a contribuir para o maior suporte psicológico das afetadas, visto que se encontra escasso.

Palavras-chave: Mulheres tentantes; Luto; Maternidade; Gravidez; Psicologia.

1. INTRODUÇÃO

A questão da infertilidade ganha visibilidade a partir da Idade Antiga na qual a fecundidade era considerada benção, saúde e realização de uma mulher, enquanto a infertilidade era observada e julgada como castigo e símbolo de inutilidade de uma mulher (Maldonado, 2017). Nesse período, as mulheres eram vistas apenas como um instrumento para reprodução, e a forma de serem vistas e valorizadas era a quantidade de filhos que possuíam, criando valores sociais intrínsecos na sociedade e favorecendo para a criação de estereótipos até os dias atuais (Espote, 2019). Essa ideia da reprodução ligada à valorização da mulher se potencializa na Idade Média, na qual a igreja católica foi uma forte influência para a construção dessa mentalidade, visto que as mulheres eram designadas aos cuidados dos filhos, da casa e do marido. Essa visão foi mantida até o século XX, afirma Espote (2019).

Nesse sentido, percebe-se que tal questão permeia até os dias de hoje de maneira implícita, visto que a mídia contribui para a disseminação da imagem da gravidez como uma etapa quase obrigatória de uma mulher. Espote (2019, p.32) afirma que "a mídia tem exibido o corpo grávido, assim como os ensaios fotográficos de gestantes, enaltecendo as mulheres que optam pela maternidade como uma atitude de liberdade de escolha e de autorrealização". Isso contribui para a criação de um ambiente de pressão social para as mulheres, principalmente para aquelas que estão em processo de tentativa de gravidez. De acordo com uma pesquisa feita pela Organização Mundial da Saúde (2024), aproximadamente 1 a cada 6 indivíduos possuem dificuldade de engravidar, causando efeitos na saúde mental e nas relações interpessoais.

Vargas (2012) disserta que a restrição biológica da reprodução implica no limite da liberdade de decisão do desejo de ter um filho biológico, causando sentimento de perda de controle e gerando sofrimento. De acordo com Lopes e Leal (2012), tais tentativas não-concretizadas de gravidez podem implicar em diversas perdas, como a perda de um filho idealizado, a perda de um projeto, a perda de um corpo grávido imaginado, entre outras perdas simbólicas, podendo resultar em um processo de luto, que muitas vezes não é legitimado e reconhecido. Levando em conta tudo o que foi citado acima, apresenta-se o seguinte questionamento: Quais as possibilidades de atuação psicológica junto à mulheres tentantes na gravidez?

A pesquisa busca como objetivo geral, analisar as possibilidades de atuação psicológica junto a mulheres tentantes. E, para alcançar o objetivo geral, têm-se os seguintes objetivos específicos:

- a) Refletir sobre os aspectos sociais, históricos e culturais do luto;
- b) Identificar impactos psicológicos do adiamento da maternidade;
- c) Explorar intervenções psicológicas junto a mulheres tentantes.

A realização desta pesquisa foi motivada pelo interesse da pesquisadora em refletir sobre o sofrimento emocional de mulheres tentantes diante da frustração de uma 'gestação não concretizada' e suas possíveis intervenções de apoio a serem feitas pelo psicólogo junto a estas. Portanto, este trabalho mostrase relevante para a psicologia e para a sociedade, pois percebe-se que há uma escassez de trabalhos que abordem sobre esse tema. A importância dessa pesquisa se encontra no reconhecimento e na legitimação do luto de mulheres em processo de tentativas de gestação como um processo real, existente e doloroso. Busca-se com a execução desta pesquisa a contribuição para a construção de intervenções de apoio emocional pertinente a mulheres tentantes, buscando o aprimoramento da preparação dos profissionais de psicologia para a lida de situações desse luto, além da conscientização sobre a importância da compreensão de tal luto.

Esta é uma pesquisa básica de caráter exploratório, onde serão utilizadas bibliografias como instrumento de fundamentação, e seguido uma abordagem metodológica qualitativa, objetivando discutir a problemática evidenciada. A pesquisa foi realizada durante o mês de outubro de 2024, utilizando-se de materiais já publicados, como artigos científicos, trabalho de conclusão de curso, dissertações, teses, livros e demais produções que permeiam os campos da perinatalidade e do luto, provenientes de bases de dados, como Scielo e Google Acadêmico. Destarte, com o conhecimento em mãos será realizado um aproveitamento dos conteúdos disponibilizados pelas bases de dados para montar o trabalho, objetivando a compreensão dos leitores acerca do assunto discutido. Os critérios de inclusão utilizados foram: Estar de acordo com a união dos temas propostos, como "mulheres tentantes", "luto", "infertilidade", "maternidade", "intervenções psicológicas", "psicologia".

2. ASPECTOS SOCIAIS, HISTÓRICOS E CULTURAIS DO LUTO

O luto é um processo de reconhecimento e assimilação da dor frente a uma perda, seja ela uma perda simbólica, seja ela uma perda real, que traz crises graves, ou seja, um fenômeno que abala a estabilidade, como diz Kovács (2020). Frente a isso, é possível notar uma necessidade da readaptação dos enlutados, porém difícil de alcançar, visto que existe uma desproporção entre as camadas do sofrimento e os recursos que ajudam-os a lidarem com essa perda (Franco, 2010).

Nesse contexto, é chamado de luto não-reconhecido o processo de luto que não há legitimação do sofrimento da perda, promovido pela sociedade por meio de condutas sociais intrínsecas, que definem “quando”, “quem”, “por quem”, “onde” e “como” é apropriado vivenciar o luto (Andery *et al.*, 2020). Sendo assim, podem existir diversos processos de lutos que não são legitimados pela sociedade, como o luto masculino, o luto de profissionais de saúde, o luto de pacientes que se desligam de seus psicológicos, o luto pela morte de um animal de estimação, o luto em óbitos gestacionais, o luto em situações de violência comunitária, e o luto em casos de dificuldades de engravidar (Casellato, 2015, 2020).

Logo, visto que mulheres tentantes também podem viver o processo de perdas simbólicas, pode-se analisar que essa visão sobre o luto é influenciada por aspectos culturais, notando-se que a ideia deste processo é remetida à morte, isto é, a perda de alguém real. Sendo assim, Iaconelli (2007, p. 6) afirma que “a mãe busca reconhecimento do filho perdido, enquanto que, para as pessoas que a acompanham, fica difícil vislumbrar o que ela perde”.

Segundo a autora Maria Julia Kovács (2020), a dor do luto não-reconhecido, além de ser silenciosa, é uma dor silenciada, visto a ausência de validação. Sendo assim, a medição do choro, a cobrança por sorrisos e por pensamentos positivos, as falas motivacionais, e os discursos como “Calma, você é jovem e poderá ter outros filhos”, “Volte para casa e desmanche o quartinho”, “Foi melhor assim...” (Iaconelli, 2007. p.5), são formas de silenciamento da dor, denominados por Kovács (2020. p.12) de “etiqueta social”. Dessa forma, é notável que a não legitimação desse luto é resultado do fracasso da empatia social.

Outro ponto a ser analisado é a inexistência de rituais de despedida nesse processo de luto, pois “a construção de vínculos afetivos fortes e de recordações de

convivência mútua fica impossibilitada, uma vez que lembranças não podem ser evocadas posteriormente [...]” (Duarte; Turato, 2009, p. 487), ou seja, a ausência de um corpo real implica na falta de rituais. Porém, quando são realizados procedimentos ritualísticos pelo casal enlutado, isso se torna são motivo de constrangimento para o meio social.

Nesse contexto, Elisabeth Kübler-Ross (2019) disserta, em seu livro chamado "Sobre a morte e o morrer", sobre os cinco estágios do luto, os quais são comportamentos que podem aparecer em diferentes contextos do luto. É possível perceber alguns desses comportamentos no contexto de uma gestação não concretizada: A negação, que consiste na formulação de explicações para o problema enfrentado, buscando conforto em suas respostas, sendo percebida em situações que há negação de sintomas que revelam o insucesso de uma gestação, assim como as justificativas que acreditam no erro de testes de gravidez, ou até mesmo na recusa da procura de um médico que ameace alguma restrição biológica (Espote, 2019); A raiva, que se caracteriza na necessidade de culpar algo ou alguém pela situação, sendo observada em tentantes que culpam a si mesmas, se autodenominando incapazes e inúteis; A barganha, que segundo Kübler-Ross (2019. p.89) "é uma tentativa de adiamento, [...] estabelece também uma meta auto-imposta", comportamento gerado a partir da culpa oculta; A depressão, estágio de tristeza profunda causado pelas perdas significativas, e pela incerteza do futuro; E a aceitação, comportamento sinalizado pelo começo de uma adaptação frente as perdas, sendo um momento em que a família "carece de auxílio, suporte e compreensão" (Kübler-Ross, 2019. p. 118).

Todavia, esse conceito que não deve ser confundido com felicidade. É importante apontar que cada processo de luto tem suas singularidades e seu tempo de recuperação, e deve ser cuidado independente do nível de desorganização e de desequilíbrio provocado pela perda (Kovács, 2020).

3. IMPACTOS EMOCIONAIS E PSICOLÓGICOS DO ADIAMENTO DA MATERNIDADE

É possível perceber que a ansiedade é potencializada no processo de tentativa de gestação de mulheres tentantes, visto que existe uma espera constante (Teixeira; Villatore; Azevedo, 2023). Nesse contexto, a ansiedade é gerada a partir da expectativa mensal em relação ao resultado, isto é, a sensação de fracasso de uma

tentativa é confirmado pela menstruação a cada mês, provocando um ciclo de esperança e desapontamento vivido pelas tentantes constantemente (Teixeira; Villatore; Azevedo, 2023). Essa inquietude advém do aparecimento de sintomas relacionados à possibilidade de gravidez.

Segundo o relato trazido por Espote (2019) em sua pesquisa, uma tentante afirma que todo mês se sente grávida, pois experencia os mesmos sintomas da gestação, como enjoo, fisgadas, cólicas e outros sinais relacionados. Esses sintomas são os sentidos com frequência, ocasionando confusão e incerteza nessas pessoas.

Ademais, a ansiedade é concebida a partir do sentimento de ausência de controle sobre o próprio sonho e a pela incerteza da garantia de sucesso dos recursos utilizados para resolver a dificuldade de engravidar, assim como pela indecisão sobre o futuro (Lopes; Leal, 2012). Isto acarreta em inquietação, pois há uma concepção de instantaneidade dos resultados vivida pela sociedade, na qual o produto é dado de maneira rápida e imediata (Bauman, 2004). Logo, quando percebe-se uma perda de controle dessa instantaneidade e rapidez, como a perda de controle sobre a geração de um ser, formam-se crises internas.

Além disso, o investimento financeiro gasto ao longo desse processo pode intensificar o sentimento de ansiedade, pois o dinheiro gasto com tratamentos, com utensílios e com acessórios do possível futuro filho sem retorno de resposta costuma produzir uma perturbação contínua (Espote, 2019).

O adiamento da maternidade também reflete na autoestima e na autoimagem da tentante. Tais questões podem implicar na noção de feminilidade, danificando a representação da autoimagem pela sensação de não-cumprimento da vocação materna (Leite; Frota, 2014), pois foi-se criada uma percepção de transição de menina para mulher autorizada pela presença da gravidez, e de que sem essa passagem, a mulher continua na pré-maturidade.

Essa concepção de reprodução como identidade feminina é reforçada e disseminada pela mídia (Vargas, 2012), criando uma atmosfera de incapacidade e inutilidade corporal (Leite; Frota, 2014), ou seja, essas tentantes se sentem limitadas e sem valor em relação ao seu corpo, e perdem o significado de propósito em suas vidas. Percebe-se, então, um momento de crise de identidade em relação a si mesmas (Lopes; Leal, 2012), que consiste na desconsideração de suas subjetividades e no

esquecimento das imagens complexas construídas ao longo de suas vidas, e como consequência na redução da sua identidade a um único papel: o da maternidade.

Nesse contexto, novamente a autoestima desse indivíduo é abalada em vista da exaustão do processo. Em uma das narrativas transcritas por Espote (2019), uma tentante desabafa sobre o abandono dos cuidados consigo mesma devido ao desânimo que o insucesso das tentativas estava lhe trazendo. Ela compartilha que ao entrar no processo de tentativa de gravidez, ela perdia de vista suas próprias necessidades, focando exclusivamente na esperança de um processo bem-sucedido.

Por outra perspectiva, é notável a crescente tendência de isolamento social entre as afetadas. Esse fenômeno é possível, pois as relações interpessoais com seus parceiros são prejudicadas em vista da necessidade de dar um filho a este como um presente (Lanius; Souza, 2010). Esta necessidade advém do desejo de amadurecer e fortalecer o casamento, afirma (Teixeira; Villatore; Azevedo, 2023), e quando esse desejo não é realizado, a resposta é o comportamento de isolamento, por sentimentos de culpa e frustração. Espote (2019) traz um determinado depoimento em que é demonstrado o peso que a vinda de um filho possui na esperança da mudança de ciclos da vida das esposas.

Outrossim, o fenômeno do isolamento social pode estar ligado à mudança do objetivo da atividade sexual do casal, não possuindo mais função de prazer e sim de obrigação, aponta Teixeira, Villatore e Azevedo (2023), gerando esfriamento e distanciamento da relação. Adicionalmente, o sentimento de constrangimento também se faz presente nesse momento, isto é, por medo de receber reações exageradas de pena e compaixão, assim como críticas e piadas, a reação esperada frente a essa situação é o isolamento social.

Além disso, o sentimento de tristeza profunda pode se intensificar frente a delonga da maternidade. Isto acontece pois a dor se instala a partir das perdas simbólicas e da destruição de expectativas criadas (Kübler-Ross, 2019). Espote (2019, p.119) nomeia esse agrupamento de perdas como a "morte de um sonho". Portanto, o sofrimento enfrentado por mulheres tentantes no processo da busca da maternidade se trata de um luto não-reconhecido, visto a perda de um sonho, a perda de um projeto, a perda da idealização do corpo grávido, a perda de investimentos financeiros, a perda da autoestima e da autoimagem, a perda do prazer nas relações interpessoais, e a perda da identidade (Lopes; Leal, 2012).

O conjunto de sentimentos dolorosos e angustiantes podem tomar proporções patológicas, tendo a possibilidade de evoluir para quadros depressivos e transtornos de ansiedade, diz a Organização Mundial da Saúde (2019). Segundo essa pesquisa, quase metade das mulheres que possuem dificuldade de engravidar desenvolvem sintomas compatíveis à depressão e à ansiedade. Nesse sentido, o não reconhecimento desse luto pode ser prejudicial para as afetadas, pois tal fator pode tardar a superação e alívio desse processo doloroso, trazendo como consequências negativas determinadas reações como comportamento e desejo de morrer, assim como suicídio.

4. INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS JUNTO A MULHERES TENTANTES

É necessária a intervenção da psicologia frente a casos de luto não reconhecido de mulheres tentantes, pois os serviços desses profissionais em meio a essa demanda é essencial para promover a expressão do luto (Bartilotti, 2007). “A psicologia entende que para dissipar a dor psíquica de uma perda, é necessário que ela seja dita, vivida, sentida, refletida e elaborada, mas nunca negada” (Gesteira, *et al.*, 2006, p. 465).

Nesse contexto, cabe ao psicólogo trabalhar junto à paciente na identificação de estratégias de enfrentamento. Essas estratégias de enfrentamento são definidas pelos recursos utilizados por alguém com o objetivo de encarar as situações de estresse, sendo formas de lidar com as emoções nos momentos durante, antes ou após a crise, ou com as dificuldades que se originam da crise (Costa; Leite, 2009).

À vista disso, Espote (2019) aponta técnicas de respiração e relaxamento para manter a calma, atividades de lazer, passeio a lugares considerados confortantes para aquele indivíduo como estratégias de enfrentamento. Além disso, autores como Barbieri (2019) reforçam a rede de apoio como uma forma de lidar com situações estressantes. Nessa perspectiva, Barbieri (2019, p. 13) afirma que “as redes de apoio são importantes durante toda a vida, englobando familiares, amigos, vizinhos e pessoas conhecidas”, e possuem o objetivo de dar suporte emocional, financeiro e doméstico em situações difíceis. Esse recurso de enfrentamento é fundamental, pois o processo de recuperação e readaptação pode ser dificultoso, visto o descuido de atividades importantes pela falta de foco e produtividade, logo, essa rede auxilia no cumprimento dessas atividades, além de servir como apoio psicológico.

Por mais, uma parte significativa das pessoas considera a espiritualidade como modo de enfrentar situações dolorosas e estressoras (Espote, 2019). É importante salientar que "ao psicólogo é vedado: [...] induzir a convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou a qualquer tipo de preconceito" (Conselho Federal de Psicologia, 2005. Art. 2º, p. 9), mas é preciso se respeitar o viés religioso da paciente, caso seja algo importante e acolhedor trazido por ela. Costa e Leite (2009) dissertam que, para algumas mulheres, esse recurso de enfrentamento pode trazer sensação de acolhimento, de esperança, e até mesmo de maior confiança.

Nessa perspectiva, Santos (2017) traz determinadas intervenções psicológicas, como a psicoterapia, um processo que tem como objetivo "retomar a autonomia dos sujeitos, alívio da dor e melhoria da vida" (Oliveira *et al*, 2014. p.332), e oferece um ambiente seguro para a manifestação de sentimentos e para a construção de estratégias para lidar com eles. Desse modo, Arantes (2019) compara sentimentos dolorosos a resíduos tóxicos, e que o mantimento desses sentimentos pode se tornar danoso ao ser humano. Por isso, a autora expõe que "o tratamento mais curativo que existe é a expressão honesta do que sentimos" (Arantes, 2019. p.98). Infelizmente, a sociedade é organizada para colocar disfarces que escondam suas emoções, crendo que isso às protegerá do sofrimento (Arantes, 2019). Entretanto, Kovács (2020. p.12) disserta que "o processo dual do luto demanda cuidar dos sentimentos diante da perda e engendrar esforços para reestruturar a vida se a pessoa querida", e que "a falta de reconhecimento torna a ajuda ainda mais necessária" (p.13). Assim, essas mulheres terão um espaço em que poderão demonstrar seus sentimentos sem medo de julgamento e possível de validação.

Nessa perspectiva, Straube e Melamed (2015) trazem a psicoterapia para o contexto de tentativas de gravidez, afirmando que nesse espaço podem ser discutidos temas como o sentido do desejo da maternidade, os relacionamentos interpessoais e profissionais que atravessam o processo de engravidar, sua rede de apoio, e suas expectativas, além de intervenções voltadas para o processo de luto de mulheres que possuam dificuldades de engravidar, identificando seus prováveis sinais de frustração e estresse, para conseguir trabalhá-los.

Acrescido a isso, a formação de grupos de apoio também é uma possível intervenção psicológica ligada ao processo de luto (Santos, 2017), que visam acolher

e escutar as enlutadas em conjunto, para que estas possam se sentir apoiadas e com a sensação de que não se encontram solitárias em meio ao impacto da perda, pois esse espaço proporciona a troca de vivências desses indivíduos (Kreuz; Antoniassi, 2020).

Além disso, Santos (2017) também aponta o aconselhamento psicológico como uma intervenção psicológica, que consiste na identificação de estratégias de enfrentamento que podem auxiliar no processo do luto junto aos enlutados para o alívio do sofrimento da perda (Scorsolini-Comin, 2014). Nesse sentido, Scorsolini-Comin (2014) afirma que esse processo se estende a curto prazo, e reconhecer as dificuldades encontradas, perceber o que a afetada compreende sobre as dificuldades, e então identificar recursos pessoais para o enfrentamento das dificuldades.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os 29 trabalhos expostos nesse estudo, é possível perceber que apenas 4 deles tratam sobre o luto vivenciado por mulheres que possuem dificuldade para engravidar, sendo 2 deles voltados para o tema de infertilidade e apenas 2 deles sendo específicos sobre mulheres tentantes. Além disso, foise achado 5 trabalhos que tem como principal assunto o luto perinatal, abrindo espaço para a discussão sobre óbitos gestacionais. Logo, percebe-se uma certa escassez de pesquisas relacionadas, especificamente, dos impactos emocionais na vida de mulheres que estão em processo de tentativas de gravidez.

Tabela 1 – Resumo dos artigos publicados entre 2006 a 2024, utilizados na discussão desse trabalho

ANO DE PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO ARTIGO	TIPO DE MATERIAL	PRINCIPAIS ACHADOS
2004	BAUMAN, Z. AMOR LÍQUIDO: SOBRE A FRAGILIDADE DOS LAÇOS HUMANOS.	LIVRO	A ANSIEDADE POTENCIALIZADA EM UMA SOCIEDADE QUE VIVE A INSTANTANEIDADE
2005	CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO. BRASÍLIA, 2005.	LEGISLAÇÃO	A POSIÇÃO DO PSICÓLOGO FRENTE À ESPIRITUALIDADE COMO ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO
2006	GESTEIRA, S. M. A. ET AL. O LUTO NO PROCESSO DE ABORTO PROVOCADO.	ARTIGO	SOFRIMENTO VIVIDO NO LUTO PERINATAL
2007	BARTILOTTI, M. R. M. B. INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA EM LUTO PERINATAL. IN: F. F. BORTOLETTI (ORG.), PSICOLOGIA NA PRÁTICA OBSTÉTRICA: ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR.	LIVRO	SOFRIMENTO VIVIDO NO LUTO PERINATAL
2007	IACONELLI, V. LUTO INSÓLITO, DESMENTIDO E TRAUMA: CLÍNICA PSICANALÍTICA COM MÃES DE BEBÊS.	ARTIGO	SOFRIMENTO VIVIDO NO LUTO PERINATAL
2009	COSTA, P.; LEITE, R. C. B. O. ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO UTILIZADAS PELOS PACIENTES ONCOLÓGICOS SUBMETIDOS A CIRURGIAS MUTILADORAS.	ARTIGO	O PAPEL DAS ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO NO PROCESSO DO LUTO
2009	DUARTE, C. A. M.; TURATO, E. R. SENTIMENTOS PRESENTES NAS MULHERES DIANTE DA PERDA FETAL: UMA REVISÃO.1, P.77-92, 2005.	ARTIGO	SOFRIMENTO VIVIDO NO LUTO PERINATAL
2010	FRANCO, M. H. P. "POR QUE ESTUDAR O LUTO NA ATUALIDADE". IN: FRANCO, M. H. P. (ORG.), FORMAÇÃO E ROMPIMENTO DE VÍNCULOS: O DILEMA DAS PERDAS NA ATUALIDADE.	LIVRO	READAPTAÇÃO NO PROCESSO DE LUTO
2010	LANIUS, M.; SOUZA, E. L. A. REPRODUÇÃO ASSISTIDA: OS IMPASSES DO DESEJO.	ARTIGO	A INFLUÊNCIA DO PROCESSO DO LUTO SOFRIDO POR MULHERES TENTANTES NAS SUAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS
2012	LOPES, V.; LEAL, I. AJUSTAMENTO EMOCIONAL NA INFERTILIDADE.	DISSERTAÇÃO	SOFRIMENTO VIVIDO NO LUTO DA INFERTILIDADE
2012	VARGAS, E. P. 'BARRIGÃO À MOSTRA': VICISSITUDES E VALORIZAÇÃO DO CORPO REPRODUTIVO NA CONSTRUÇÃO DAS IMAGENS DA GRAVIDEZ.	ARTIGO	CONCEPÇÃO DE REPRODUÇÃO COMO IDENTIDADE FEMININA
2014	LEITE, R. R. Q.; FROTA, A. M. M. C. O DESEJO DE SER MÃE E A BARREIRA DA INFERTILIDADE: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA.	ARTIGO	SOFRIMENTO VIVIDO NO LUTO DA INFERTILIDADE
2014	SCORSOLINI-COMIN, F. ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO E PSICOTERAPIA: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS.	ARTIGO	O PAPEL DO ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO NO PROCESSO DE LUTO
2015	CASELLATO, G. O RESGATE DA EMPÁTIA: SUPORTE PSICOLÓGICO AO LUTO NÃO-RECONHECIDO.	LIVRO	SOFRIMENTO VIVIDO NO LUTO NÃO-RECONHECIDO
2015	STRAUBE, K. M.; MELAMED, R. M. TEMAS CONTEMPORÂNEOS DE PSICOLOGIA EM REPRODUÇÃO HUMANA ASSISTIDA: A INFERTILIDADE E SEU ESPECTRO PSICOEMOCIONAL.	LIVRO	O PAPEL DA PSICOTERAPIA NO PROCESSO DE LUTO VIVENCIADO NO ADIAMENTO DA GRAVIDEZ
2017	KÜBLER-ROSS, E. SOBRE A MORTE E O MORRER: O QUE OS DOENTES TERMINAIS TEM PARA ENSINAR A MÉDICOS, ENFERMEIRAS, RELIGIOSOS E AOS SEUS PRÓPRIOS PARENTES.	LIVRO	RELACIONAR OS ESTÁGIOS DO LUTO AO PROCESSO PSICOLÓGICO DO ADIAMENTO DA MATERNIDADE
2017	MALDONADO, M. T. PSICOLOGIA DA GRAVIDEZ: GESTANDO PESSOAS PARA UMA SOCIEDADE MELHOR.	LIVRO	A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA IDENTIDADE FEMININA A PARTIR DA REPRODUÇÃO

2017	SANTOS, G. C. B. F. INTERVENÇÃO DO PROFISSIONAL DE SAÚDE MENTAL EM SITUAÇÕES DE PERDA E LUTO NO BRASIL.	ARTIGO	INTERVENÇÕES PSICOLÓGICA FRENTE A SITUAÇÕES DE PERDAS
2019	ARANTES, A. C. Q. SENTIMENTOS SEM MÁSCARA. IN: ARANTES, A. C. Q. A MORTE É UM DIA QUE VALE A PENA VIVER.	LIVRO	A IMPORTÂNCIA DA PSICOTERAPIA
2019	BARBIERI, J. VIVER O LUTO E AS REDES DE APOIO A FAMILIARES QUE PERDERAM EM ENTE QUERIDO.	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	A REDE DE APOIO COMO ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO NO PROCESSO DE LUTO
2019	ESPOTE, R. O YOUTUBE COMO ESPAÇO DE COMPARTILHAMENTO DE VIVÊNCIAS DE MULHERES QUE SE DENOMINAM TENTANTES: YOUTUBE AS MEDIA OF SHARING THE LIFE EXPERIENCE OF WOMEN SELF-CALLED TENTANTES..	DISSERTAÇÃO	SOFRIMENTO VIVIDO NO LUTO DE MULHERES TENTANTES
2019	ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (WHO). SEXUAL AND REPRODUCTIVE HEALTH.	SITE	OS EFEITOS EMOCIONAIS DO PROCESSO DO LUTO EM MULHERES TENTANTES
2020	ANDERY, M. C. R. ET AL. A VIVÊNCIA DO LUTO DE PSICÓLOGOS DENTRO DAS INSTITUIÇÕES.	ARTIGO	CONCEITO DE LUTO NÃO-RECONHECIDO
2020	CASELLATO, G. LUTO POR PERDAS NÃO-LEGITIMADAS NA ATUALIDADE.	LIVRO	SOFRIMENTO VIVIDO NO LUTO NÃO-RECONHECIDO
2020	KÓVACS, M. J. PREFÁCIO. IN: CASELLATO, G. (ORG.). O LUTO POR PERDAS NÃO LEGITIMADAS NA ATUALIDADE.	LIVRO	SOFRIMENTO VIVIDO NO LUTO NÃO-RECONHECIDO
2020	KREUZ, G.; ANTONIASSI, R. P. N. GRUPO DE APOIO PARA SOBREVIVENTES DO SUICÍDIO.	ARTIGO	O PAPEL DOS GRUPOS DE APOIO NO PROCESSO DE LUTO
2021	DOS SANTOS, T. F. L. ET AL. O LUTO PERINATAL E NEONATAL E A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NESSE CONTEXTO.	ARTIGO	SOFRIMENTO VIVIDO NO LUTO PERINATAL
2023	TEXEIRA, E. C. M. A., VILLATORE, M. C. & AZEVEDO, A. V. S. INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL PARA MULHERES COM HISTÓRICO DE TENTATIVAS DE GRAVIDEZ.	ARTIGO	SOFRIMENTO VIVIDO NO LUTO DE MULHERES TENTANTES
2024	OLIVEIRA, A. N. ET AL. POSVENÇÃO: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO PARA ELABORAÇÃO DO LUTO POR SUICÍDIO.	ARTIGO	O PAPEL DA PSICOTERAPIA NO PROCESSO DE LUTO

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Nos trabalhos que tratam sobre o processo do luto é possível notar que há uma opinião unânime sobre a vivência sofrida por essas mulheres ser considerada um luto não-reconhecido, visto que há perdas simbólicas ao longo da jornada de adiamento da maternidade. Então, essas pesquisas concordam que as perdas podem trazer sérios danos à saúde mental dessas pessoas. Pelo mais, nos estudos referentes ao luto sofrido a partir da infertilidade, da perda gestacional e da dificuldade de engravidar, a opinião dos autores analisados mostra-se similar acerca da relação a

construção histórica da pressão social sobre o alcance da maternidade, que desde os tempos da antiguidade era tida como objeto de valorização, mas que reflete nos dias contemporâneos, pois é possível notar que para eles as redes sociais são os maiores veículos da disseminação da gravidez como uma etapa obrigatória da feminilidade. Desse modo, os atores apontam os mesmos impactos emocionais das afetadas, como sentimentos de tristeza profunda, quadros de ansiedade, problemas de autoimagem, causando crises de identidade, assim como problemas na autoestima, refletindo no autocuidado da mulher, além do isolamento social, causado por sentimentos de constrangimento, culpa, medo de desaprovações, mudanças nas relações interpessoais e sexuais, entre outros.

Mediante o que foi citado anteriormente, trabalhos ligados a intervenções psicológicas concordam que a psicoterapia, independente de ser uma abordagem breve-focal, ou seja, a curto prazo, ou de longa duração, os grupos de apoio, também chamados de grupos de autoajuda, e a prática do aconselhamento psicológico são processos válidos para serem realizados para o alívio do sofrimento causado pela perda.

6. CONCLUSÃO

Portanto, pode-se concluir que a delonga da maternidade pode gerar diversas perdas simbólicas, implicando em processo de luto. Sendo assim, os objetivos dessa pesquisa foram contemplados e alcançados, embora tenha-se notado algumas limitações, como a falta de trabalhos acadêmicos que tratem sobre o luto vivenciado por mulheres tentantes. Por isso, sugere-se a formulação de novos estudos sobre o assunto.

Desse modo, é essencial identificar e validar essas experiências de luto, proporcionando um espaço onde o sofrimento possa ser expresso e tratado com a seriedade que merece. Sendo assim, se faz necessário a atuação da psicologia para o suporte psicológico em meio ao processo de luto. Nota-se que esse espaço deve ser um ambiente seguro e acolhedor, sem julgamentos, como o contexto oferecido por grupos de apoio, que promove a troca de experiências dolorosas, o contexto de psicoterapia, um lugar para a expressão de emoções e para o desenvolvimento da habilidade de lidar com elas, e o contexto de aconselhamento psicológico, no qual visa

a resolução de dificuldades compreendendo os recursos de enfrentamento que a enlutada possui.

Dessa forma, espera-se que tais intervenções possam auxiliar no apoio emocional das afetadas pelo luto, a partir do conhecimento mais aprofundado do profissional de psicologia sobre tal demanda, pois é percebido a escassez de estudos sobre as formas de acolher e sobre o manejo direcionado a essas mulheres.

REFERÊNCIAS

ANDERY, M. C. R. *et al.* A vivência do luto de psicólogos dentro das instituições. **SBPH**. Rio de Janeiro, 2020, v. 23, n.1, p. 25-34, 2020.

ARANTES, A. C. Q. Sentimentos sem máscara. *In:* ARANTES, A. C. Q. **A morte é um dia que vale a pena viver**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019. p.95-98.

BARBIERI, J. **Viver o luto e as redes de apoio a familiares que perderam em ente querido**.

2019.

BARTILOTTI, M. R. M. B. Intervenção psicológica em luto perinatal. *In:* F. F. Bortoletti (Org.). **Psicologia na prática obstétrica: abordagem interdisciplinar**. São Paulo: Manole, 2007.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CASELLATO, G. **O resgate da empatia**: Suporte psicológico ao luto não-reconhecido. Summus Editorial, São Paulo, 2015.

CASELLATO, G. **Luto por perdas não-legitimadas na atualidade**. Summus Editorial, São Paulo, 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília, 2005.

COSTA, P.; LEITE, R. C. B. O. Estratégias de enfrentamento utilizadas pelos pacientes oncológicos submetidos a cirurgias mutiladoras. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v.55, n.54, p.355 - 364, 2009.

DOS SANTOS, T. F. L. *et al.* O luto perinatal e neonatal e a atuação da psicologia nesse contexto. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 6, 2021.

DUARTE, C. A. M.; TURATO, E. R. Sentimentos presentes nas mulheres diante da perda fetal: Uma revisão. **Psicologia em Estudos**, 2009, 14(3), 485-490.

ESPOTE, R. O Youtube como espaço de compartilhamento de vivências de mulheres que se denominam tentantes: Youtube as media of sharing the life experience of

women self-called tentantes. Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas. Limeira, São Paulo, 2019.

FRANCO, M. H. P. "Por que estudar o luto na atualidade". In: FRANCO, M. H. P. (org.). **Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade**. São Paulo: Summus, 2010.

GESTEIRA, S. M. A. *et al.* O luto no processo de aborto provocado. **Acta Paulista de Enfermagem**, 19(4), 462-467, 2006.

IACONELLI, V. Luto Insólito, desmentido e trauma: clínica psicanalítica com mães de bebês. **Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental**, 2007, 10(4) 614-623.

KÓVACS, M. J. Prefácio. In: CASELLATO, G. (org.). **O luto por perdas não legitimadas na atualidade**. São Paulo: Summus, 2020.

KREUZ, G.; ANTONIASSI, R. P. N. Grupo de apoio para sobreviventes do suicídio. **Psicologia em Estudo**, 25, p. 01 – 15. 2020.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer: O que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes; 10ª edição, 2017. p. 05-282.

LANIUS, M.; SOUZA, E. L. A. Reprodução assistida: os impasses do desejo. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 13, n. 1, p. 53-70, 2010.

LEITE, R. R. Q.; FROTA, A. M. M. C. O Desejo de ser mãe e a barreira da infertilidade: Uma Compreensão Fenomenologica. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 20, n. 2, p. 151-160, 2014.

LOPES, V.; LEAL, I. **Ajustamento emocional na infertilidade**. Lisboa: Editora LDA, 2012.

MALDONADO, M. T. **Psicologia da gravidez: Gestando pessoas para uma sociedade melhor**. Editora Ideias e Letras, 2017.

OLIVEIRA, A. N. *et al.* POSVENÇÃO: estratégias de enfrentamento para elaboração do luto por suicídio. **Psicologia e Saúde em debate**, v. 10, n. 1, p. 320-336, 2024.

ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde (WHO). Sexual and reproductive health. 2019.. Disponível em: [[https://www.who.int/teams/sexual-and-reproductive-health-and-research-\(srh\)/overview](https://www.who.int/teams/sexual-and-reproductive-health-and-research-(srh)/overview)]. Acesso em: 21 out. 2024.

SANTOS, G. C. B. F. Intervenção do profissional de saúde mental em situações de perda e luto no Brasil. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, v. 2, n. 3, p. 116-137, 2017.

SCORSOLINI-COMIN, F. Aconselhamento psicológico e psicoterapia: aproximações e distanciamentos. **Contextos Clínicos**, v. 7, n. 1, p. 02-14, 2014.

STRAUBE, K. M.; MELAMED, R. M. **Temas contemporâneos de psicologia em reprodução humana assistida: a infertilidade e seu espectro psicoemocional (Vol 1)**. Livrus Editorial, 2015.

TEXEIRA, E. C. M. A., VILLATORE, M. C. & AZEVEDO, A. V. S. Intervenção psicossocial para mulheres com histórico de tentativas de gravidez. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 12, 2023.

VARGAS, E. P. 'Barrigão à mostra': vicissitudes e valorização do corpo reprodutivo na construção das imagens da gravidez. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v.19, n.1, p.237-258, 2012.

YONESHIGUE, B. **Infertilidade cresce e atinge 1 a cada 6 adultos, diz OMS; por que está cada vez mais difícil engravidar?** *Oglobo*, Rio de Janeiro, 04 de abril de 2024, Saúde. Disponível em: [<https://oglobo.globo.com/saude/medicina/noticia/2023/04/infertilidade-afetaquase-20percent-da-populacao-mundial-diz-oms-e-medicos-apontam-as-causas-paraaumento-da-prevalencia.ghtml>]. Acesso em: 21 out. 2024.



REALIZAÇÃO:



APOIO:

